

XV ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE
E NORDESTE e PRÉ-ALAS BRASIL. 04 A 07 DE SETEMBRO DE
2012, UFPI, TERESINA-PI.

“VERGONHA DO NORDESTE”: o discurso dos torcedores “anti-mistos”

Artur Alves de Vasconcelos¹

GT02 - Ciências Sociais e Esporte: conjugando
abordagens e perspectivas em um campo de
pesquisa plural e interdisciplinar

TERESINA
2012

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). arturalves86@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO: “MISTOS” X “ANTI-MISTOS”

Existe um perfil de torcedor de futebol pejorativamente chamado de “misto”. Ele tem por hábito torcer por dois times: um de seu estado, e outro de uma região diferente, sendo este último geralmente dos estados Rio de Janeiro e São Paulo. Por exemplo: torcer pelo Ceará e pelo Corinthians/SP; ou pelo ABC/RN e pelo Flamengo/RJ.

A palavra “misto” evoca a ideia de impureza, falta de autenticidade. Esse termo foi criado por torcedores que são contra a maneira mista de torcer: os “anti-mistos”. Os “anti-mistos” demonstram seu descontentamento de diferentes formas: camisetas, faixas e músicas nos estádios, vídeos e comunidades na internet.

A presença de torcedores “mistos” ocorre em todas as regiões do país, com maior ou menor intensidade. A região Nordeste é talvez aquela em que os “anti-mistos” mais tenham realizado seus protestos. Um dos elementos mais simbólicos de sua atuação é a frase “vergonha do Nordeste”, que acusa os “mistos” de envergonharem sua região.

2. OBJETIVOS

O objetivo neste artigo é analisar o discurso dos torcedores “anti-mistos” no Nordeste. Para isso, foram realizadas entrevistas com integrantes desse movimento, observação de diversos materiais por eles utilizados para passar suas mensagens, bem como alguns de seus diálogos na internet.

3. TORCEDOR MISTO E ALGUMAS DE SUAS MOTIVAÇÕES

É possível interpretar o mundo do futebol como um *campo*, tal como esse conceito é apresentado por Bourdieu (BOURDIEU, 2005). Nele identificamos as *instituições* que conduzem o seu funcionamento, os tipos de *capital* mais importantes, e os integrantes desse *campo*.

Defendi em minha dissertação² (VASCONCELOS, 2011), que os times de RJ e SP são os que têm a seu lado os principais tipos de *capital*: têm voz em *instituições* importantes como CBF e Clube dos 13, (capital político), maiores valores de patrocínios e cotas de TV (econômico), têm os melhores jogadores em atividade no país, disputam as principais competições nacionais e internacionais, acumulando também títulos (simbólico), são com muito mais frequência citados na mídia, tanto nacional quanto local (midiático),

² Disponível em: http://www.teses.ufc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6078

além de serem os clubes que mais torcedores conquistam fora de suas regiões. Em contrapartida, os times de outras regiões ocupam uma posição periférica nesse *campo*. Assim, equipes do Sudeste e Sul estão na situação de *dominantes*, enquanto os demais são os *dominados*.

Além do fator família (a pessoa escolhe ou é induzida a torcer pelo mesmo clube do pai, por exemplo), os tipos de *capital* são frequentemente levados em conta na hora de se escolher um time para torcer. Deste modo, os clubes *dominantes* aparecem como favoritos a conquistar a simpatia do torcedor. A forte presença na mídia, não apenas nacional, mas também local, ajuda a esses times a ficarem simbolicamente muito próximos do dia-a-dia do torcedor, mesmo que geograficamente distantes. Essa proximidade simbólica faz com que o torcedor possa considerar esses times como parte do seu cotidiano, algo que também pertence a ele, e não apenas aos torcedores do estado de origem daquele clube. Assim, o torcedor baiano pode ver o Palmeiras/SP como algo que também faz parte da sua vida, não apenas da dos paulistas.

4. TORCEDOR “ANTI-MISTO”

Muitos dos que torcem para um único time, de seu próprio estado, se organizam a fim de mostrar seu descontentamento com os “mistos”. Através de faixas e cartazes nos estádios, camisetas com mensagens, comunidades e vídeos na Internet, eles apresentam argumentos que, a seu ver, são motivos para não se torcer por um clube “de fora”. Apontam também suas interpretações para a existência dos nordestinos que torcem por times de outras regiões. Indiretamente, os discursos também mostram uma ideia de “torcedor ideal” desejado pelo movimento. Aponto a seguir alguns dos materiais encontrados, fazendo algumas considerações sobre as ideias que permeiam seus argumentos.



Figura 1: “Vergonha do Nordeste”

Faixa “Vergonha do Nordeste” estendida por torcedores do Vitória (BA) em oposição a torcedores flamenguistas presentes no estádio Barradão, de propriedade do time baiano. Traz a já comentada argumentação de que a postura de torcer por time de outra região seria de motivo de vergonha para a sua própria.



Figura 2: “potiguariocas”

Torcedores do América (RN) ironizam potiguares flamenguistas chamando-os de “potiguariocas”. A faixa sugere que os “mistos” simbolicamente perdem um pouco de sua identidade norte-rio-grandense ao assumir uma parte da cultura do Rio de Janeiro (o time, no caso). Como resultado, não seriam nem potiguares, nem cariocas, mas uma mistura de ambos. Percebe-se que os responsáveis pela faixa enxergam a “mistura” como algo que está para além do *campo* do futebol, estendendo-a também para a identidade cívica. Eles envergonhariam não apenas o futebol do seu estado, mas o RN em sua totalidade.



Figura 3: “aculturação”

Integrantes da torcida do Sport/PE dá sua interpretação sobre os “mistos”: eles seriam vítimas de aculturação. Assim como a primeira faixa dos potiguares, a bandeira acima demonstra uma visão de que a questão dos torcedores “mistos” não está restrita para o futebol, tendo causas sociais que vão para além do esporte. A palavra “aculturação” ressalta a ideia de falta ou perda de cultura. Por outro lado, ela assume um discurso menos agressivo, descrevendo os nordestinos “mistos” como vítimas.



Figura 4: “meu único time”

Torcedores do CRB/AL orgulham-se por este ser seu único time. A referência a alagoanos que torcem por equipes de outra região não é direta, mas implícita. A faixa não levanta temas como a vergonha, perda de identidade local ou alienação, observados em outras manifestações. Não faz acusações nem apresenta uma interpretação para a existência de “mistos”. Ela se dedica a ressaltar o orgulho de poder dizer que o clube local é seu único time.



Figura 5: “a mídia escolheu o seu time”

Torcedores de Ceará, a exemplo de outros como os do Fortaleza e Vitória, vendem camisetas com mensagens “anti-mistos”. A frase na frente da camisa ressalta identidade regional, mostrando um ponto de vista no qual o futebol nordestino é visto como uma unidade. “Sou nordestino [não apenas cearense] e tenho time pra torcer”. Nas costas, o veredicto sobre os mistos: “a mídia escolheu o seu [time]”. O material traz tanto a questão do orgulho de se torcer pelo clube local, quanto uma interpretação sobre a existência dos “mistos”. A mídia mais uma vez é apontada como fator determinante.



Figura 6: os Cangaceiros Alvinegros

Foi criada, no começo de 2011, uma nova torcida uniformizada do Ceará: os Cangaceiros Alvinegros. Seu uniforme padronizado é composto por chapéus de sertanejo, sinos de vaca e camisas cujas estampas simulam as vestes tipicamente usadas por cangaceiros. Além disso, a bateria da torcida trouxe um novo elemento para acompanhar

os tradicionais tambores: um triângulo. Algumas músicas de apoio ao time cantadas pelo grupo são paródias de canções de Luiz Gonzaga, cantor e compositor pernambucano cuja obra foi marcada, dentre outras coisas, pela descrição da vida sertaneja nordestina por ele vivida nas primeiras décadas do século XX. Os Cangaceiros também fazem parte das manifestações contra os mistos. Quando o Ceará enfrenta times de RJ e SP, é possível ouvir essa torcida cantando frases como “ô são paulino, vai se *****, sou nordestino e tenho time pra torcer”.

Existe uma comunidade no Orkut com o título: “Mistos, a vergonha do Nordeste”. Muitas dos debates lidos nessa comunidade trazem o argumento de que os torcedores nordestinos de times “de fora” seriam ridicularizados pelos torcedores conterrâneos desses clubes. Em uma das conversas, um “anti-misto” colou o que seria o depoimento de um paulista torcedor do Palmeiras sobre os palmeirenses nordestinos:

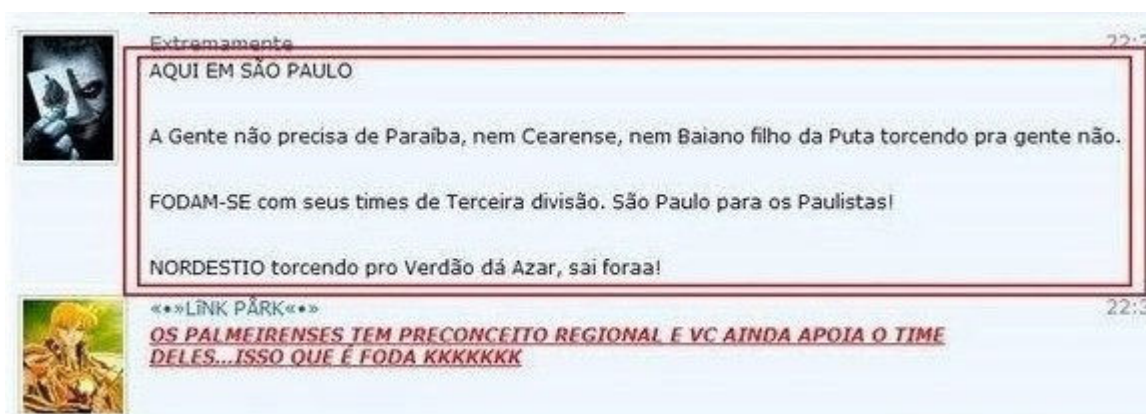


Figura 7: eles não se importam com a gente

“Anti-mistos” apontam o preconceito de pessoas do Sudeste contra nordestinos como motivo para não se torcer por times daquela região. Mais uma vez o assunto chega a outros aspectos da vida social que não apenas o esportivo. Neste exemplo, salientam a questão preconceito regional, do qual o Nordeste seria vítima por parte de pessoas de outras regiões. Também aqui se vê a divisão *nós x eles*, sendo o Palmeiras o “time deles”.

Um vídeo feito pelo movimento anti-misto e que circula pela Internet traz o seguinte discurso:

“[Música de fundo: *The Saints are Coming*³. Imagem de flamenguistas assistindo a jogos pela TV. Frases começam a aparecer na tela:] Quantas vezes você foi ao estádio? Quantas vezes viu seu time de perto? Alguma vez você se sentiu parte da Torcida de verdade? **Infelizmente você está sendo manipulado** [Imagens do logotipo da Rede Globo mesclado com os escudos do Flamengo e, em seguida, do Corinthians]. Por décadas, a TV é sua única companheira de jogo. **A antena parabólica te alienou.** Você não sente a real emoção do futebol. Sem você, o futebol do Nordeste se fragilizará ainda mais. **É exatamente isso que a CBF, Globo e Clube dos 13 querem!** Por quanto tempo você continuará nessa situação? Até quando aceitará essa imposição? Dê um basta a essa alienação. Não deixe que a Globo escolha o seu time. **Torça por Clubes de sua Região.** E sinta a real Emoção do Futebol [Imagem de torcidas de times nordestinos e de faixas e camisa anti-mistos]. Quantos anos mais você perderá? Se contentando com tão pouco. Não há TV que transmita a Emoção de ir à Arquibancada. Quem dirá a vibração da conquista de um Título. Como é torcer por um time que nunca viu jogar? Incentive seu time no estádio. E não para uma TV! **LIBERTE-SE! Não seja um fantoche controlado pela Mídia.** Se torne um torcedor de VERDADE. Ter um filho de sua terra conformado por uma TV. Não se desvalorize. Não nos envergonhe. 'Prefiro sofrer com uma camisa que representa **meu povo**, à (sic) idolatrar **algo que pertence aos outros**'. Movimento para a **Conscientização** dos Mistos” (grifos meus).

Esse material traz algumas expressões e ideias muito comuns nos diversos discursos “anti-mistos”: vítima, manipulação, alienação, conscientização. Há a visão de que os “mistos”, embora envergonhem o Nordeste por sua postura de torcedor, são também vítimas, “marionetes” de um grupo de forças que objetivam ditar sua forma de torcer. Os “anti-mistos” teriam o papel de “esclarecer”, tornar nítido aos olhos manipulados a alienação que sofrem. Há a descrição de um tipo ideal de torcedor: o que vai ao estádio e aos treinos. Por fim, descreve-se uma divisão no campo de futebol: os times nordestinos são nossos, enquanto os de outras regiões são algo que pertence aos outros.

Um entrevistado, que pertence ao movimento “anti-misto” no estado do Ceará, define torcedor misto como aquele...

“... que torce por um time aqui, no estado, e por um time no eixo Rio-São Paulo. Porque a gente não vê cearense torcendo por Cruzeiro, Atlético, ou Inter, Grêmio [...]. Ainda tem outro tipo que se enquadra. Que é o cara que é cearense, não tem nenhuma ligação com Rio-São Paulo, e torce exclusivamente por um time de lá. Só por

³ A canção, composta em inglês pelo grupo escocês “The Skids” e interpretada pela banda irlandesa “U2”, embala os pedidos de valorização dos times nordestinos, de resistência à alienação e de não-idolatria ao “que pertence aos outros”.

influência midiática [...]. Sem ter nenhuma ligação por lá. Porque se o cara tem alguma ligação com o estado do São Paulo, nem que tenha ido lá só uma vez, e foi pro jogo e se apaixonou pelo Corinthians, São Paulo, Palmeiras, eu já acho que você já tem um vínculo; é até compreensível”.

O entrevistado, ao falar sobre os times para os quais os “mistos” torcem, dá ênfase aos clubes do Rio de Janeiro e São Paulo. Ele considera irrisória a quantidade de torcedores de times mineiros ou gaúchos no estado do Ceará. Entretanto, observando seu discurso, é possível inferir que um eventual cearense torcedor de equipes gaúchas ou mineiras também seria considerado por ele um misto, visto que o entrevistado destaca como misto alguém que torce por um clube “só por influência midiática”, sem manter vínculos afetivos com o estado “de fora”.

O movimento "anti misto" também faz sua interpretação de aspectos políticos e econômicos do futebol brasileiro. Enxergam a importância das instituições políticas e midiáticas na popularização e fortalecimento dos times. CBF e Clube dos 13 são as principais instituições políticas mencionadas, enquanto a Rede Globo costuma ser o nome mais usado para representar a mídia. Também vê que os clubes detêm poder desigual junto a esses grupos, estando os nordestinos em desvantagem, enquanto outros, sobretudo de Rio de Janeiro e São Paulo, estariam em situação privilegiada. Mais do que a desigual representatividade, o movimento acusa essas instituições de deliberadamente favorecerem os times de Rio de Janeiro e São Paulo em detrimento dos nordestinos. Deste modo, para o movimento “anti-misto” o futebol brasileiro está regionalmente dividido, sendo o Sudeste (sobretudo Rio de Janeiro e São Paulo) o centro dos interesses, enquanto outras regiões, como a nordestina, seriam intencionalmente enfraquecidas pelos grandes grupos que regem o futebol nacional. Para além das rivalidades estaduais e regionais que os clubes do Nordeste podem ter entre si, eles estão unidos dentro de uma luta e um objetivo maior: sobreviver no hostil futebol brasileiro.

O torcedor “misto”, ainda sob a ótica do movimento que o combate, ao não apoiar os clubes locais, ou ao dividir suas atenções de torcedor com um time de outra região, estaria prejudicando os clubes nordestinos na luta contra o favorecimento do Nordeste. Logo ele, um nordestino, estaria ajudando o “inimigo”. A partir daí crescem os julgamentos de que ele é uma vergonha e que não respeita sua região. Por outro lado, ele não é descrito apenas com ares de traição; ele também é visto como vítima. A mídia, uma das instituições importantes do futebol nacional que agem em favorecimento ao Sudeste, alienou o torcedor nordestino a torcer por uma equipe da região privilegiada. Surge assim

a palavra “conscientização” no discurso do movimento. O “misto”, manipulado e aculturado, deve tomar consciência da estrutura injusta do futebol brasileiro e de como ele está prejudicando a sua própria região nessa luta.

O movimento "anti misto", ao desenvolver suas argumentações, também cria um tipo ideal de torcedor de futebol: é desejado que se torça apenas por um time, sendo ele de sua própria região; espera-se que o torcedor frequente os treinos e os jogos no estádio, apoiando o time ao vivo e sentindo "a real emoção do futebol".

O “misto” é descrito como alguém que só torce através da TV, sendo um dos argumentos para persuadi-lo dessa posição de “misto” o incentivo a ir ao estádio e conhecer essa maneira mais emocionante de se torcer. Entretanto, conforme se observou com entrevistados, existe sim considerável número de mistos que vai ao estádio, seja para ver o time local ou o “de fora” (incluindo, neste último caso, viagens para acompanhar a equipe em seus domínios), e mesmo assim permanecem torcendo para duas equipes, ou ainda para um único clube, de outra região.

Os argumentos dos “anti-mistos” trazem algumas características semelhantes àquilo que alguns autores descrevem como “discurso regionalista Nordestino”. Para uma percepção mais profunda a respeito do tema de estudo deste trabalho, interpretando-o dentro de um contexto social específico, é importante apontar, mesmo que de maneira introdutória, os principais pontos que constroem o citado regionalismo.

5. A CONSTRUÇÃO DO NORDESTE

Times que compõem a região Nordeste são frequentemente descritos, na imprensa nacional, como “clubes nordestinos”. Por outro lado, é bem mais raro vê-la salientar o aspecto regional em times do Sul e Sudeste, por exemplo, geralmente apontados a partir de sua identidade estadual (“os paulistas”, “os gaúchos” ...).

Essa visão do Nordeste como um grande grupo homogêneo não é exclusiva daqueles de fora da região. Os próprios nordestinos parecem compartilhar dela e reforçá-la. Como já foi dito e exemplificado aqui algumas vezes, o discurso do movimento anti-misto fala da defesa do futebol do Nordeste; critica os nordestinos que não torcem, ou não torcem exclusivamente, para times de sua região.

A forte presença da questão da identidade regional na discussão sugere que sejam feitos alguns apontamentos sobre esse conceito, bem como sobre algumas razões

históricas que motivaram essa forma de pensamento regional, para além das fronteiras estaduais.

5.1 Conceitos de região e regionalismo

Maura Penna (PENNA, 1992) aborda os conceitos de *região* e *regionalismo*. *Região* é entendida, a princípio, a partir de sua dimensão política. É uma demarcação político-administrativa instituída pelo Estado, a fim de viabilizar a regulação de suas relações externas e internas. Por sua vez, *regionalismo* é pensado sob sua dimensão simbólica. Ele é criado pelos homens não através do poder do estado, mas a partir de suas vivências, da forma como se relacionam com o espaço; o modo como o interpretam, o representam, dão sentido a ele. Citando as palavras de Penna, “o regionalismo pode ser considerado como o processo que *torna o espaço significativo*” (PENNA, 1992, p. 19).

É importante ponderar que as fronteiras da região e do regionalismo não são necessariamente iguais. A autora cita o exemplo do gauchismo. Trata-se de um movimento regionalista⁴ vinculado ao estado do Rio Grande do Sul. Apesar dessa limitação, ele é visto como uma característica de toda a região Sul. Outro aspecto da relação região e regionalismo que Penna alerta é o fato de que nem sempre o advento da primeira estimula a criação do segundo. É citado o caso da região Centro-Oeste, que pouco produz discursos regionalistas.

5.2 O regionalismo nordestino

A historiadora Rosa Maria Godoy Silveira se propõe a analisar o nascimento e desenvolvimento do discurso regionalista referência ao que hoje chamamos de Região Nordeste (SILVEIRA, 1984). A autora aponta o século XIX como época da gênese desse processo. Trata-se do período de expansão mundial do capitalismo, trazendo mudanças profundas nas economias dos países. As principais fontes de receita do Brasil naquele momento eram a cana, o algodão (em menor escala) e o café. Os dois primeiros estavam vinculados à zona agroexportadora dependente do mercado de Recife, delimitada nas províncias de Ceará até Sergipe. O café, por sua vez, tornou-se o principal produto de exportação do país no início do século XX, tendo como início desse crescimento o advento das lavouras cafeeiras em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo em meados do século XIX.

⁴ A palavra “regionalista” diz respeito a regionalismo, do mesmo modo que “regional” refere-se a região.

O crescimento do café na segunda metade do século XIX foi acompanhado da crise do açúcar. Silveira afirma que, até o período anterior a essa crise, as elites açucareiras tinham uma percepção de espaço essencialmente no ponto de vista estadual. A partir do declínio, essa classe dominante passou a reivindicar, junto ao império, o interesse das “Províncias do Norte”. Acusavam o governo central de privilegiar a zona cafeeira (“Províncias do Sul”), reduzindo investimentos e infra-estrutura para Norte, contribuindo assim para o agravamento da crise das províncias do açúcar⁵.

A autora salienta que a expressão “Províncias do Norte” traz duas marcas importantes: a primeira é a marca da divisão político-administrativa, que não é inteiramente abandonada no discurso; a segunda é a noção de homogeneidade simbólica, que abarcaria todas aquelas diferentes províncias. A crise econômica e o tratamento recebido por parte do Império (desigual em relação às demais) seriam pontos que uniriam aquelas províncias açucareiras, para além de suas diferenças. Seriam todos igualmente vítimas. Além disso, são acionados outros mecanismos para reforçar essa ideia de união como o passado em comum, descrevendo o Norte como o berço da nação, de tal modo que os interesses dessa região também seriam da pátria; e a exaltação de elementos de suposta superioridade sobre a outra região (história, comércio, geografia). Silveira lembra que essa homogeneização simbólica é um dos elementos fundamentais do discurso regionalista.

Continuando sua análise sobre os discursos das elites “do Norte”, a autora ressalta a polarização com as Províncias do Sul: privilegiadas, elas seriam um obstáculo para o crescimento do Norte. Privilégio esse concedido pelo Estado, que estaria falhando ao não dedicar igual atenção a ambos. Também destaca a visão de que o Sul, embora um adversário, é também visto como modelo para a superação da crise, dado o seu “equilíbrio”. Estes seriam outros elementos básicos do discurso regionalista: a oposição com outra região e/ou com o próprio Estado; e a noção de que as desigualdades entre regiões seriam “desequilíbrios”. O saudosismo seria outra marca regionalista presente no discurso nortista.

Após essas reflexões, a autora compreende a categoria “região”, bem como o discurso regionalista, como sendo de caráter ideológico, sendo ao mesmo tempo uma forma de conhecimento e de dominação.

5.3 O Nordeste “atrasado”

⁵ Silveira ressalta que a palavra “Norte” representava, naqueles discursos, as províncias ligadas à exportação do açúcar; por sua vez, “Sul” referia-se àquelas dedicadas ao plantio do café.

O historiador Durval Muniz de Albuquerque Junior (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2001) afirma que a obra sociológica e artística dos filhos da elite açucareira decadente foi fundamental para a vinculação do Nordeste com a ideia de atraso. Sendo o presente (daquele período) um momento de crise para a região, a definição da sua identidade se deu na busca de elementos do passado, entendidos como tradicionais. Desse modo, o passado rural e pré-capitalista, o folclore e a produção artesanal foram apresentados como “repositórios de autenticidade regional”. O desenvolvimento visto no Sul seria algo negativo por ser prejudicial àquela autenticidade.

Rosiléia de Oliveira Almeida (ALMEIDA, 2007) considera que a produção sociológica de Gilberto Freyre, bem como o movimento regionalista tradicionalista, reage fortemente ao moderno e às relações burguesas, entendidos como “fatores perturbadores do equilíbrio social e desagregadores de nossa nacionalidade, a qual estaria radicada na tradição” (ALMEIDA, 2007, p. 7). Esse discurso, portanto, defendia a vida social tradicional do Nordeste, nascedouro da civilização brasileira, como a ideal para a manutenção de uma nação equilibrada. A autora afirma ainda que essas obras dariam grande ênfase às semelhanças das diferentes partes do Nordeste, em detrimento da diversidade cultural e em reforço à visão dessa região como uma unidade. Maura Penna acrescenta que a imagem do Nordeste enquanto região marcada pela pobreza e subdesenvolvimento não apenas foi difundida como continua a existir, posto que o discurso regionalista persiste (PENNA, 1992, p. 32-37).

Este reconhecimento é muitas vezes acompanhado de uma visão estereotipada e preconceituosa sobre o Nordeste, sobretudo em um senso-comum evolucionista e etnocêntrico, que veja no maior ou menor desenvolvimento econômico, tecnológico e urbano de um povo sinais de “superioridade” ou “inferioridade”. O preconceito regional, não apenas o nordestino, é frequentemente usado por torcedores em provocações durante debates. As ofensas que o Nordeste eventualmente recebe nessas discussões fazem parte do argumento dos torcedores anti-mistos em sua defesa de não se torcer por times de outras regiões.

5.4 Órgãos estatais voltados para o Nordeste: o nascimento institucional da Região

Maura Penna comenta que, no final da década de 1920, o modelo agroexportador brasileiro estava falido. Isso fez com que o Estado, a partir da década seguinte, passasse a investir em um projeto industrializante. Nesse processo, a elite açucareira mais uma vez

acusou favorecimento ao Sul e solicitou ao Governo medidas de manutenção da estrutura fundiária, e das relações de produção, a fim de que continuassem a existir as bases da estrutura de seu poder. Criou-se, então, o Instituto do Açúcar e do Alcool – IAA. O grupo algodoeiro-pecuário, que também tinha interesse na continuidade daquela estrutura econômica e social, conseguiu controlar a Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas – IFOCS (atual Departamento Nacional de Obras Contra as Secas – DNOCS), utilizando-o a serviço de seus interesses. Entretanto, se por um lado a manutenção dessa estrutura de produção preservava o poder das elites do açúcar, da pecuária e do algodão em suas fronteiras, por outro estes grupos ficavam nacionalmente cada vez mais dominados, política e economicamente, pelos agroindustriais do Sul (PENNA, 1992, p. 27).

O desenvolvimento do capitalismo no país pedia planejamento governamental. A questão dos desequilíbrios regionais, que poriam em perigo a “unidade nacional” almejada pelo Estado, era alvo de preocupação. As tensões sociais desdobradas em movimentos populares no Nordeste também chamavam a atenção da sociedade brasileira. “Nos anos 50/60, ultrapassando o discurso regionalista dos grupos agrários locais, o Nordeste torna-se ‘questão nacional’” (PENNA, 1992, p. 28).

As ações do governo eram norteadas por uma ideologia desenvolvimentista que tinha no economista Celso Furtado um de seus principais pensadores. Esta corrente de pensamento afirmava a existência de dois “brasis”, na qual o Nordeste era interpretado como área homogeneizada pelo subdesenvolvimento, pela vida agrária e arcaica, o que prejudicaria a “revolução burguesa” que aquela ideologia considerava surgir no país (SILVEIRA, 1983, p. 28-29). Para solucionar esse problema e ajudar a trazer a desejada “unidade nacional”, o governo cria, em 1959, um órgão de intervenção planejada com o objetivo de trazer desenvolvimento àquela região: a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE. É refeita, no mesmo ano, a demarcação daquilo que seria a partir de então oficialmente tratado como “Região Nordeste”. Trata-se da versão atual, que engloba os estados de Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. Esta foi a terceira fronteira oficial do Nordeste. A primeira, em 1940, considerava os estados de Maranhão a Alagoas. A segunda, de 1951, criada em função do advento do Banco do Nordeste, excluía o Maranhão e acrescentava a Bahia e áreas do norte de Minas Gerais (SILVEIRA, 1987, p. 10).

Nota-se, assim, como um modelo de produção capitalista, industrial e urbano, teve sua chegada ao Nordeste dificultada ao máximo pelas elites do açúcar, algodão e café, que temiam perder seu poder conquistado pelo sistema agrário. Apenas com a

intervenção do Estado o Nordeste foi alvo de um processo industrialização, planejada pelo governo. Mesmo nesse novo contexto, a região assume uma condição de periferia no mercado nacional, vinculada, dependente e complementar à produção no Sul.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O MOVIMENTO ANTI-MISTO COMO UM DISCURSO REGIONALISTA

Rosa Maria Godoy Silveira aponta a **homogeneidade** da região como um aspecto importante do discurso regionalista nordestino. Percebe-se esta característica também nas palavras dos “anti-mistos”. Para além das diferenças regionais e das rivalidades locais, os clubes do Nordeste teriam algo que os unia: todos seriam vítimas de uma estrutura do futebol nacional que favorecia os times de Sul e Sudeste, sob a cumplicidade dos poderes centrais desse esporte no país. Esta oposição em relação a uma região e ao próprio Estado, bem como a autoidentificação como **vítima** dessa relação, é mais uma característica descrita por Almeida como pertencente ao discurso regionalista nordestino.

Albuquerque Junior e Rosiléia Almeida apontam o **Nordeste rural** como outro importante característica do regionalismo nordestino. Ele também é observável nas manifestações “anti mistas”. Tomando como exemplo os Cangaceiros Alvinegros, nota-se que esses cearenses, ao buscarem elementos que invocassem uma identidade local, privilegiaram ícones do Nordeste rural, antigo. As figuras do cangaceiro e do sertanejo foram as que os torcedores julgaram mais pertinentes para reafirmar a sua identidade, a sua distinção em relação a outras regiões. O apelo à vida antiga e rural na afirmação de identidade da região é outro aspecto importante do regionalismo nordestino destacado por Silveira.

O discurso dos “anti-mistos” encontra forte inspiração na ideologia regionalista nordestina. Essas semelhanças não são apenas coincidências pontuais. A interpretação que os torcedores têm sobre o *campo* do futebol reflete em parte a sua própria visão de mundo. Esta, por sua vez, embora não determinada, é influenciada pelo contexto social no qual estão inseridos. Tal contexto é permeado por uma análise de Nordeste e de Brasil historicamente alimentada pelos aspectos ideológicos que compõem os discursos regionalistas sobre o Nordeste.

Deste modo, percebe-se como os argumentos dos “anti-mistos” é algo que está para além do mundo do futebol. Ele reflete situações sociais mais amplas, podendo ser interpretado como um discurso regionalista e ideológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN/Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

ALMEIDA: Rosiléia de Oliveira. **A construção do Nordeste como região do atraso nos discursos sobre a exploração econômica da cana-de-açúcar**. In. Candombá – Revista Virtual. 2007, p. 123 - 137.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino**: identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina. São Paulo: Cortez, 1992.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. A questão regional: gênese e evolução. **Espaço & Debates**, São Paulo, v. 7, n. 20, p. 7-25, 1987.

_____. **O regionalismo nordestino**: existência e consciência da desigualdade social. São Paulo: Moderna, 1984.

VASCONCELOS, A. A. de. **Identidade futebolística**: os torcedores “mistos” no Nordeste. 2011. 90 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.